



Entrevista

Filipe Lowndes Marques “Para muitas PME exportadoras o *brexit* será um enorme rombo”

O advogado que lidera a Câmara de Comércio Luso-Britânica está preocupado com indefinição sobre o *brexit*. Lamenta instabilidade fiscal que afasta investidores de Portugal e aponta oportunidades na nossa economia. **Texto: Joana Petiz**

Todos os dias o *brexit* anda para a frente e para trás, ora com ora sem acordo... Como é que espera que isto acabe?

Isso é a pergunta para um milhão. Neste momento, a situação é muito volátil, muda todos os dias... Ainda há pouco (quinta-feira), Boris Johnson disse que recusaria pedir nova extensão e se o quisessem os ingleses que escolhessem outro. Não é a figura mais adorada no Reino Unido (RU), mas aqueles 21 deputados conservadores que inacreditavelmente foram obrigados a deixar de sê-lo, prescindir deles dá um sinal muito errado. Inglaterra precisava de alguém que procurasse a união que não tem existido nestes dois anos e o que acontece é o oposto. Expulsá-los é de uma arrogância disparatada e todo este caminho é preocupante. Quando Boris Johnson foi eleito – e foi também por isso que o irmão dele saiu –, achava-se que isto de sair sem acordo era conversa. Mas o governo diz que não vai alterar o acordo ou oferecer alternativas: o plano é sair a 31 de outubro e sem acordo. Ou então é uma estratégia muitíssimo arriscada para dar a ideia de estar disposto a tudo de

modo a que, no Conselho Europeu, os outros países fiquem aflitos e lhe deem o que ele quer.

Mas a saída é inevitável?

Eu acho que sim, infelizmente. Não sei se um novo referendo alteraria alguma coisa... Acredito que voltava a ganhar o *brexit*. Mas foi um erro o referendo ser aquela hipótese tão binária: ficar era ficar tudo igual, enquanto a hipótese de sair, como se vê, tem mil e uma conotações diferentes. E não parece óbvio que a ideia daquela pequena maioria fosse sair sem acordo e ainda assim sem transtornar a vida interna.

É ingénuo pensar que uma saída sem acordo não a transtornaria. Desde logo pela Irlanda.

A questão da Irlanda mostra que ninguém esperava o sim. Houve um compromisso para não haver fronteiras entre a Irlanda e a Irlanda do Norte. E agora?

E a Escócia, cujo voto para se desligar do RU não passou por uma unha negra, não pode trazer também questões?

Este caminho está a potenciar esse risco... mas não sei se no momento da verdade isso passava. Nem tão pouco que a União Europeia (UE) aceitasse uma Escócia saída

do Reino Unido. Por outro lado, há o mito de que com o petróleo do norte a Escócia é autossuficiente, mas a verdade é que depende muito mais do que recebe do que dá. **Imagino que o *brexit* tem levado muita gente a pedir ajuda à Câmara de Comércio Luso-Britânica (CCLB). Esse movimento aumentou com Boris Johnson?**

Não especialmente. Parece-me que já está toda a gente um bocadinho farta – e continua a haver total indefinição sobre o que acontecerá. O conjunto das câmaras inglesas encomendou um estudo à Ernst & Young para avaliar o im-

“Mesmo as holdings portuguesas que saem não é por pagarem muito menos impostos, é porque ali sabem com o que contam.”

pacto do *brexit* e a conclusão foi que quase ninguém está preparado para o que aí vem. Estamos a falar de pequenas e médias empresas (PME). Ora se eu for uma grande empresa consigo preparar-me, tenho dinheiro para investir e antecipar soluções; as PME não, portanto estão à espera para ver. O problema é que depois pode ser tarde, sobretudo se a decisão for mais radical e dramática.

Mas nessa indefinição como é que a Câmara de Comércio ajuda quem vos procura?

Temos tentado fazer ver às autoridades que essas empresas precisam de ajuda porque sozinhas não conseguirão. Há imensas movimentações políticas mas os governos não têm noção de como isso afeta na prática estas empresas. **Está tudo focado na parte política e mais nada?**

Isso. A embaixada está muito focada na parte das pessoas – e bem, porque é uma parte importantíssima, mas não há foco similar para as empresas. E em parte isso é porque ninguém sabe o que vai ser. Em relação aos trabalhadores, haverá solução, não haverá expulsão de portugueses em massa no dia seguin-

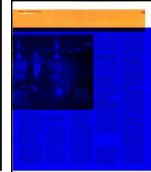


te, como nós não expulsaremos os britânicos que aqui vivem, ninguém será radical nessa frente – nem mesmo Boris Johnson. E como dizem muitos portugueses que conheço em Inglaterra, “se nos expulsarem a todos quem faz o nosso trabalho?”.

O embaixador Chris Sainty, pouco depois de chegar a Portugal, recordava que mais de 400 mil portugueses vivem, trabalham e ou estudam no Reino Unido e 50 mil britânicos vivem cá, além dos 3 milhões de turistas/ano que recebemos, e dizia que haverá sempre lugar para quem tem talento.

E para quem está disposto a trabalhar. Talvez com mais burocracia, mas a vida das pessoas não será muito afetada. Já as empresas...

O RU é o nosso quarto maior destino de exportações de bens, o maior em serviços. A CIP antecipa que possa haver uma redução de 15% a 30%. Preocupa-o?



Lowndes Marques admite que o *brexit* é inevitável e que as empresas portuguesas não terão um estatuto especial no Reino Unido.

FOTO: JOÃO SILVA/GOBAL IMAGENS

Preocupa, neste cenário preocupa! Se Inglaterra, por vontade própria ou por inação, sai sem acordo, em teoria no dia seguinte há tarifas alfandegárias de um lado para o outro. Nós estamos habituados a mandar vir coisas da Amazon RU sem pestanejar... Se numa coisa tão prosaica há chatices, muitas empresas portuguesas, para as quais exportar para o RU é fundamental, sofrerão um enorme rombo. Mas é viável pensar que isso acontecerá a 1 de novembro? Não, não no dia 1. Mas vai ter impacto e será maior nas PME – não será na Galp, na Autoeuropa mas na PME que dependia muito disso para as receitas e que nestes dois anos não esteve a pensar para onde iria se não tivesse o Reino Unido. E vê que haja no *brexit* oportunidades para as empresas portuguesas e para a nossa economia? Não vejo que provoque o deteriorar da relação de 645 anos, vamos continuar amigos, mas Portugal

O advogado que ajuda as PME a viver além do *brexit*

Com ascendência portuguesa e de origem escocesa, Filipe Lowndes Marques tem 47 anos, é casado, pai de quatro filhos e sportinguista. Licenciou-se na Universidade Católica e tirou um *magister juris* em Direito Europeu e Comparado em Oxford em 1995, tendo entrado para a Moraes da Silva e Associados em 2001. Sócio da MLGTSS desde 2007, dedica-se às áreas bancária e financeira, reestruturações e insolvências. Há um par de anos assumiu a liderança da Câmara de Comércio Luso-Britânica, estando a acompanhar de perto e desde o primeiro momento os interesses de empresas e investidores portugueses no *brexit*.

não pode ter um regime especial com os ingleses à margem da UE. Mas pode haver empresas, investidores que decidam trocar Londres por Lisboa? Acho difícil porque, apesar de dizermos as coisas certas, em Portugal exercer uma atividade regulada é muito complicado. Os nossos reguladores estão a fazer um esforço por ter uma visão mais aberta e flexível a novos negócios e oportunidades, mas ainda não perceberam por completo os erros de antes da crise. Antes talvez não houvesse tanto rigor quanto deveria e depois tornámo-nos extra super-rigorosos. Mesmo onde isso não se justifica, onde é contraproducente até para o país, para o desenvolvimento de uma atividade, e não afeta os clientes nem põe em causa o mercado. Mais rigor não significa que não se deva usar alguma flexibilidade – não é facilitismo. Nós temos uma população altamente qualificada que fala lindamente

inglês, o sol e a comida ajudam à escolha, mas era preciso termos essa abertura. Até porque, historicamente, sempre fomos dos países mais abertos a novas tecnologias. Fomos inovadores no multibanco, na Via Verde, nos utilizadores de telemóveis. Continua a haver a vontade mas há demasiados obstáculos.

Quais são as piores queixas que lhe fazem sobre Portugal? Burocracia, instabilidade fiscal?

O sistema fiscal não ajuda, não. Mesmo as *holdings* portuguesas que se mudam para a Holanda não é por pagarem muito menos impostos, é porque ali sabem com o que contam. Temos um sistema complicado, incerto, creio que houve pouca visão nisso. Houve alguma no anterior governo...

O que espera do resultado das próximas legislativas?

Acho que não será muito diferente de hoje. Este governo tem o mérito de não ter aplicado medidas que chocassem se tomadas por um governo mais à direita, conseguindo ainda assim o apoio de partidos muito mais à esquerda para as aplicar. Atirando uns rebuçados...

Há rebuçados caros.

O PSD também já os atirou.

Mas era preferível, para os investidores que planeiam vir para cá, uma maioria PS ou um governo de compromissos como o atual?

Assumindo que o PS continuaria uma trajetória semelhante à que teve, é preferível que não tenha de atirar rebuçados à esquerda. O que acho extraordinário é que nunca se tenha levantado a questão dos impostos. Porque o governo não mexeu mais nos impostos diretos mas mexeu nos indiretos, que afetam mais a quem tem menos dinheiro. **E mexer no IRC, era desejável?** É a mesma lógica. Fala-se demagogicamente na Zona Franca da Ma-

deira porque as empresas pagam uma percentagem muito menor do que as do continente. Mas desde logo essas empresas não podem ter atividade em Portugal e depois é melhor ter 5% de qualquer coisa do que 20% de zero! No IRC ainda temos a visão de que se uma empresa ganha muito está a prejudicar os trabalhadores e tem de ser castigada. Se a empresa produz muitos rendimentos, em teoria, isso é bom para toda a gente.

Que virtudes e pecados vê no tecido empresarial português?

Temos muito boas empresas que ainda não deram o salto da velha empresa familiar para algo mais profissional, que permita sobreviver à passagem das gerações.

É preciso que a gestão, mesmo que familiar, se profissionalize.

Foi o que fez a Sonae, a Jerónimo Martins, a Amorim: tiveram essa visão de preparar a sucessão mas entender que só faz sentido se os sucessores fizerem sentido.

E na banca?

Não é culpa nossa, porque as regras vêm da Europa, mas antigamente um banco e um casino eram negócios em que não se podia perder. Isso acabou. Nos casinos com o jogo *online* e nos bancos porque o peso da regulação internacional chegou a ponto de derrotar o seu objetivo. Faz que os bancos e outras instituições de crédito não tenham possibilidade de fazer negócios e ajudar a economia a crescer como teriam num cenário normal.

Não é também por o capital ser estrangeiro e os centros de decisão estarem afastados?

Claro que preferiria que as grandes empresas e os bancos fossem detidos por sociedades portuguesas, mas não concordo com regras que o forcem. Temos é de mostrar que somos melhores. E se não é o caso, devemos pensar porquê.

Que áreas recomendaria a um investidor que estivesse interessado em entrar em Portugal?

Imobiliário é o óbvio, mas não sei se sobram bons investimentos. Turismo... E residências de estudantes serão um grande mercado. E tudo o que tem que ver com saúde e aquele chavão de sermos a Florida da Europa. As novas tecnologias também, mas temos de mudar o estigma do fracasso: não há mal nenhum em deixar cair algo de vez em quando, até mesmo um pequeno banco ou corretora.

“Temos de mudar o estigma do fracasso. Não há mal nenhum em deixar cair algo de vez em quando, até um pequeno banco ou corretora.”

dinheiro vivo

Empresas Cada euro de incentivo público traz outros nove às exportações

CRESCIMENTO O efeito é mais expressivo em setores como consultoria informática e programação, construção e engenharia, excedendo os dez euros. Nos últimos quatro anos, o investimento apoiado criou 40 mil empregos e permitiu somar 11,8 mil milhões ao valor das exportações. P. 06 e 07



VITOR HIGGS

SUPERMERCADOS — P. 12

Desperdício? Aqui o pão velho vira cerveja e legumes feios dão sopa

INICIATIVA SANTANDER — P. 16

Bolsas trazem residências a 100 euros para alunos de longe

TURISMO — P. 08 e 09

Alojamento local já tem 30% das dormidas. Receita ainda é dos hotéis

EXPANSÃO — P. 15

PortoBay abre novo hotel a norte e já quer chegar a Espanha

ENTREVISTA — P. 04 e 05

Filipe Lowndes Marques
“O brexit será um enorme rombo para as nossas PME”



ECONOMIA O advogado da MGTSS, que lidera a Câmara de Comércio Luso-Britânica, está muito preocupado com a indefinição e a cada vez mais provável saída sem acordo.

DESIGUALDADE — P. 11

Salário das mulheres é 17% menor do que o dos homens

MASTERCHEF MATT PRESTON — P. 14

“É possível ser turístico, muito bom e orgulhar os portugueses”

ifthenpay

Referências Multibanco
para a sua empresa

www.ifthenpay.com

